

# BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 24 DE DEZEMBRO DE 1876.

NUMERO 11

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

## RAPPELE-TOI

Rappelle-toi ce soir d'amour, où tant d'étoiles  
Palpitaient sur nous deux, charmantes et sans voiles,  
Ce jardin caressé de leurs rayons divins;  
Seules, nous y savourions, assis sous les jasmins,  
Ou, près des lys, marchant au hasard sur la mousse,  
Une joie énivrante, involontaire et douce:  
Sur les rameaux en fleurs, et l'eau tendre, sans bruit,  
La lune un peu plus tard s'avavançait dans la nuit:  
Parfois on entendait des frissons sur les branches,  
Et des feuilles de rose, ou vermeilles ou blanches  
En tombaient mollement sur le lac qui dormait.  
Au souffle du printemps ton doux sein frémissait.  
N'est-il pas quelque chose au fond de la nature,  
Dont la chaste douceur se mêle à l'âme pure?  
Tantôt sur moi, tantôt sur les mondes, tes yeux  
Se fixaient en charmant et mon front et les cieux:  
Je te voyais sourire et pleurer tout ensemble,  
Car docile à ton coeur tu fais ce qui lui semble.  
Tu m'avouais alors tes espoirs, ton amour,  
Et ta voix me troublait et calmait tour-à-tour.  
Sous l'astre, amant des nuits, à ces moments d'ivresse  
Tout m'offrait son encens, la joie, ou sa tendresse;  
Refuse-t'-on une âme à ce monde enchanté,  
Et des sens inconnus, épris de la beauté?!

Arbres, qui denouez la ramure fleurie,  
Transpercés de rayons, et joyeux de la vie,  
Ombres sous les rameaux, boissons verts, flots dormants,  
Brises, souffles des nuits, senteurs, rayonnements,  
Lys penchés sur le bord des vagues apaisées,  
Voûtes d'or et d'azur par Dieu-même allumées,  
Invisible dans tout, ou ne sait quelle fleur  
Respire et fait germer les rêves du bonheur!  
Mais pourquoi pleurais-tu ce soir rempli de charmes?  
Tu ne sauras jamais le secret de tes larmes!

Aveiro

LÔURENÇO D'ALMEIDA MEDEIROS.

## CARTA DE GUIOMAR TORREZÃO A' «BORBOLETA»

... *Snr. Director da « Borboleta » :*

Pede-me v. duas palavras para o n.º do seu illustrado jornal, destinado a commemorar o dia 1.º de dezembro de 1640, e pede com tão boas maneiras, tão fina é a granjeia da lisonja com que polvilhou o pedido, que não havia modo de recusar-o!

Comprehendendo a logica d'este raciocinio, assentei-me á minha meza de trabalho, escolhi uma penna nova em folha e o mais assetinado velino com que deparei, e sem reflectir nem hesitar escrevi, com uma calligraphia de largos traços á ingleza, cinco palavras symbolicas :

—O dia 1.º de dezembro!—

Repentinamente, o *diabinho azul*, o *blue devil*, que costuma alojar-se ás vezes entre os meus papeis, no fundo do meu tinteiro, em cima das minhas canetas, nos bicos da minha penna, deu um pulo, torceu-se em visagens de um comico irresistivel, zumbiu-me ao ouvido uma frase aguda e maligna, e com a ponta da aza raspou, até desaparecerem de todo, as minhas quatro palavras symbolicas!...

Profundamente indignada, dispunha-me a mergulhar o traidor n'um banho de tinta negra quando de subito, do fundo insondavel da memoria, brotou-me um pensamento vago, indistincto, delgado como um cabello, fugitivo como a espiral de fumo que o vento desenrola e desfaz no espaço. Pouco a pouco a realidade deu-lhe côr, prendeu-o, fortificou-o, e enquanto o profundo sentimento da curiosidade me absorvia todas as faculdades maravilhadadas com as metamorphoses do pensamento, recém-nascido, o *diabinho*, descrevendo una ellipse cabalística, bateu as azas, e desapareceu!...

Eis aqui, pouco mais ou menos, o que o meu pensamento me persuadiu. Disse-me, sem admittir contestações, que o amor da patria,—a religião civica!—não escolhe a eburnea lampada onde accende a chamma immortal, isto é, tanto palpita em coração de homem como de mulher, por isso que é a dignidade suprema dos povos livres.

Porem, que se ao homem é dado manifestal-o, abrindo com buril de diamante no bronze da historia a pagina que deverá perpetuar-a, talhando com a espada o terreno das immunidades, assestando o *Krupp* contra quem quer que ouse ameaçar-lhe a autonomia, ou vindo á tribuna e soltando como

Mirabeau, ou como José Estevão, o jorro inflammado de uma eloquencia torrencial; á mulher é permittido apenas conservar-o latente no íntimo altar da consciencia, perfumal-o só com o subtil incenso da dedicação obscura, engrinaldal-o com as modestas flores da sua ternidade sublimada; heroica, tratando-se de Filippa de Vilhena, vulgar mas sublime, escondida no peito da mulher do povo!

Madame Rolland —concluiu o severo pedagogo do meu pensamento — se lhe perdoaram a furia patriótica, foi em attenção a haver-lhe ella sacrificado a vida; e mesmo assim... quantos risos de Juvenal teem boiado á flor do mar de sangue que arrebatou a cabeça da exaltada jacobina!...

Dou as mãos á palmatoria!

D'esta vez o *diabinho azul* raciocinou como qualquer professor do curso superior de letras, e teve carradas de razão arrancando violentamente do papel as quatro symbolicas palavras!

Não! se eu fosse casada, e Deus me fizesse mercê da maternidade, não empunharia a espada civica para entregal-a a meus filhos; não seria *uma nova Filippa de Vilhena*, como me supplicava ha annos que fosse um conspicuo membro da commissão Primeiro de dezembro!

Não, meu pensamento, não meu *blue devil*! Eu, obscura mulher, amaria meus filhos, não renegaria por caso algum a nacionalidade, honraria a patria no que em mim coubesse, como infimo atomo de uma mole gigante; mas por caso algum consentiria o meu braço em impellil-os para onde a morte aguardava a preza, e um inimigo infinitamente peor do que a morte, o *Ridiculo*, poderia trespassar-me a mim com o seu punhal de dois gumes!

Ora aqui está, sem nenhuma especie de arrebiques de estylo, explicado o ponderoso motivo porque não posso, como v. desejava, escrever um artigo ácerca do illustre anniversario, que respeito e prézo, mas que prefiro saudar com a grande eloquencia... do silencio!

Lisboa.

GUIOMAR TORREZÃO.

*Nota da Redacção.* Por inexplicavel travessura da fatalidade, só chegamos a receber esta esplendida carta, —com que hoje adornámos o nosso humilde semanario,—no dia 18 do corrente dezembro!

Em nosso nome, e em nome dos nossos leitores, agradecemos á illustre escriptora a fineza com que a todos nos honrou. Apraz-nos acreditar que não será esta a ultima vez que lograremos tão amavel e honradora visita.

## O NATAL

« *Parvulus enim natus est nobis...* »

ISAIAS, CAP. 9, v. 6

Olhae: como é formoso o infante reclinado  
Com resplendor de luz na placida Bethlem!  
Vêde-lhe o ceu azul nos olhos retratado,  
E como lhe sorri a enternecida mãe!..

Tres cavalleiros vem dos lados do Oriente:  
Serão os Magos? são; oh, vinde aqui parar;  
Aqui; não vos mentiu a estrella refulgente;  
O ouro, a myrrha, o incenso a Deus ide ofertar.

Oh! bons pastores, não ouvis a boa nova  
Do anjo que vos diz — nasceu o Salvador — ?  
Trazei-lhe em novo côro a mais singela trova,  
E em vossos corações o que elle pede—amor.

E' por amor de nós que o louro e bello infante  
Que a mais sublime ideia ao seculo conduz,  
—Exemplo nunca visto—affronta n'este instante  
Nascer na palha vil para morrer na cruz.

Aquella fronte bella... hão-de cercar espinhos!  
Aquella rosea bocca... ha-de tragar o fel!  
Os pés... pela aridez dos asperos caminhos  
O sangue verterão do Sancto d'Israel!..

O' tu, grande da terra e que a fortuna alberga,  
Que vaes de leitos d'ouro a ricos mausoleos,  
Apprende a contemplar em pobresinha enxerga  
Um teu irmão, que sei? talvez o proprio Deus.

Jerusalem, exulta! emfim brilhou a aurora,  
Que ás almas doce paz e luz ás trevas dá.  
Estende agora a Deus a mão supplicadora,  
Que já te não despresa o incenso de Sabá.

O' virgens de Sião, tremeis! — Não é o dia  
Em que o propheta disse havieis-de ficar,  
Umás sem braccellete, e rica pedraria,  
Outras sem os rubis da frente, e sem collar.

Não é o dia infausto, oh! não: temeis acaso  
Que o recém-nado seja um outro Assur?.. Não é.  
Vereis de Meredack approximar o occaso  
O sol que vem dourando o sol de Nazareth.

Os laços desatae do vosso collo esquivo,  
As fronte levantae de sobre o humilde pó.  
Ressôde em vosso côro um cantico festivo,  
Que já nasceu herdeiro á casa de Jacob.

O infante de Bethlem é a paz, é a harmonia,  
Elle não traz a dor, porem consolação;  
E vem firmar no solo em que Satan vivia  
Imperio só d'amor que os seculos verão.

Prophetas da Judeia, ó pallidos videntes,  
Eis vindo á luz do dia aquelle que vem dar  
As aguas ao deserto, á solidão torrentes,  
E os filhos d'Israel dispersos congregar.

Eu creio, eu creio em vós, no senso verdadeiro  
Das mysticas visões, prophetas, creio, sim:  
Conviverão o lobo e o timido cordeiro,  
Não pugnará jamais Judá contra Ephraim.

Não chores, ó Rachel; a voz dos teus lamentos  
Não vibre mais no ar soturno da soidão;  
Regressa, e vem tomar teus ricos ornamentos,  
Que—Deus assim o quer—teus filhos voltarão.

E tu, do escuro pó levanta-te, Izaias,  
Vem contemplar no berço, em que modesto jaz,  
O ramo de Jessé das tuas profecias,  
O Forte, o Conselheiro, o Príncipe da paz.

E' este, é este o que ha-de abrir a via sancta  
De feza a Belial, que não a trilhará,  
Que em pó confunde Bel, que os idolos, supplanta,  
E os bens da terra a quem o queira ouvir dará.

E' este, a cujo sopro a solidão deserta  
De lyrios vae florir, e encher-se de frescor;  
Este o que vem dizer ao que dormia — alerta  
Está chegado emfim o reino do Senhor.

Propheta, uma outra vez levanta voz, e brada  
A' cidade infiel, que te escutara em vão:—  
Não mais te hão-de chamar, não mais, abandonada,  
Mas sim a Desejada, ó filha de Sião!

Barca.

ALBERTO CRUZ.

## MODAS

Meu caro:

Vou dizer-lhe com a maxima franqueza que já me arrependi da promessa que lhe fiz. O meu arrependimento não fará porém com que me desligue do prometido, e como prova ahi vae resumidamente, o que sei de modas, mais pelos echos que insensivelmente me chegam, do que por indagações minhas e propositadas.

Em geral usam-se os chapéus de feltro e com especialidade brancos, com aba chata e estreita e copa bastante elevada e pontuda (*pointue*) com enfeites simples.

Em casacos a variedade no feitio é quasi nulla, e a novidade apenas consiste no modo de os enfeitar, devendo notar que es-

te anno o velludo volta a ter muita voga para casacos.

Em vestidos, para visita usam-se de seda e só uma modista afamada lhe poderá dar amplas informações ácerca das minuciosidades que os constituem; para theatro o mesmo, e para passeio, que é quasi sempre o que mais interessa, são empregados os estofos de lã, saia redonda, ornada de tres folhos sobrepostos e em pré-grinhas. A tunica do mesmo tecido, raiado, e claro, descendo longamente em curva toda orlada de franja larga. O avental ou *tablier*, ou segunda tunica, ornada do mesmo modo, subindo, tanto esta como a primeira, atraz, aonde formam um *pouff*, de modo que deixe cahir as pontas franjadas. O corpê, é o da tunica, alto, com golla chata, collarinhos em bico e laço na frente. As mangas saem do vestido e teem, como os canhões, um longo folho do tecido da tunica.

Isto é pouco mais ou menos o modêlo mais usado, sendo certo que outros ha, variando bastante com a côr e o tecido de que são feitos.

Reconheço quanto é difficil descrever uma *toilette* sem ter, pelo menos, um figurino ao pé; mas v. desculpará.

A's vezes uma simples indicação basta a uma elegante, costumada aos devaneios da moda.

Até outra vez, e creia-me

De v.

Lisboa. — BEATRIZ MOREAU.

## DE NOITE

(A CUNHA VIANNA)

Ao largo, remador, ao largo, passa;  
E quando a lua fôr bater em cheio,  
—Como um beijo de luz — nessa vidraça,  
Amaina a vela, amaina, sem receio.

Vês o terraço ali? Que a prôa corte,  
Como um collo de cysne, as aguas mansas...  
Tu tens um braço vigoroso e forte,  
Dirige o barco alem... depois descansas.

Ergueu-se a lua, vês? Parece como  
Se dos jardins celestiaes viesse  
Cahindo á terra um sasonado pomo,  
E que a mão do Senhor o sustivesse!...

Olha as perolas, vê, que o remo ergueu:  
E' chuva d'oiro a engrinaldar-te o bote!...  
E a lua ascende na amplidão do ceo,  
Como a hostia nas mãos de um sacerdote.

Não vês surgir um vulto no terraço?  
Repete uma canção meiga, tristonha,  
Como os doces suspiros de quem sonha  
Vêr-se emballado em feminil regaço.

Descanta inda outra vez a barcarola  
Ao murmurar tristonho d'estas aguas...  
Hei-de tambem cantar as minhas maguas  
Ao balcão de uma pallida hespanhola!

Se tu a viras, remador! Gentil,  
Lábios de rosa e olhos de velludo...  
Deras o barco, remo, e vida, tudo,  
Só por cantar-lhe ao som de um arrabil!

Tem a alvura de um calix de magnolia  
Na face de setim; na doce falla,  
Que nos fascina, e prende, e nos emballa,  
A muzica ideal de uma harpa eolia!

Se tu a viras, remador! Attende:  
Nua, solto o cabelo em negras ondas,  
Como um mar de velludo, que se estende  
Pelas espaduas sensuaes, redondas,

Oh! não quizeras acordar, sentindo  
(Sonho que fôra o rebeijar-lhe a face!)  
As cinzas de um amor, que se apagasse,  
Vendo aos olhos fugir corpo tam lindo!

Não cantes mais a triste barcarola,  
Deixa o barco seguir por essas aguas...  
Eu vou tambem cantar as minhas maguas  
Ao balcão de uma pallida hespanhola!

ALBERTO BRAGA

## NASCIMENTO DE CHRISTO

No meio da Judea, em distancia d'uns  
10 kilometros de Jerusalem, está situada  
sobre um outeiro dominador d'um vallé,  
composta de ruas estreitas e tortuosas, a  
cidade fanigerada de Belem.

Ha n'ella um mosteiro com aspecto de  
fortaleza, construido de pedras enormes, e  
com uma porta em si tam acanhada, que é  
mister curvar-se muito, quem tiver d'entrar  
ou sahir por ella.

Foi assim construida de proposito; por  
isso que os religiosos que o habitam, são  
com frequencia acõmmettidos pela popula-

ça, mormente em occasião de grandes tributos, que ella intenta satisfazer á custa dos mesmos religiosos.

Divide-se em tres partes este mosteiro venerando, occupadas por armenios, gregos, e latinos.—A parte que estes ultimos occupam, flanqueia a igreja do Presepio de Christo.

N'este logar sacro-santo, erigiram os primeiros christão uma capella, em memoria do nascimento do Filho da Virgem:— e de todas as partes da Judea concorria então o povo em chusma a render-lhe adorações.

No seculo II. da era vulgar, o imperador romano Hadriano, oriundo da Hispanha, fez erigir n'este local uma estatua de Adonis, com o fim de desviar d'aqui os fieis.—Terminadas no entanto as perseguições aos christãos; e dada a paz á igreja; mandou Sancta Helena derrubar o idolo pagão e erigir ahi uma igreja veneranda, dando-lhe a invocação da Virgem Maria.

Juncto d'ella, está erigida a igreja de Sancta Catharina, que serve de parochia aos catholicos, ainda que pequena em dimensões.

Retrocedendo-se d'aqui—da gruta de S. Jeronymo, chega-se á Lapinha do Presepio, passando-se por diante do altar dos Sanctos Innocentes, collocado sobre o tumulo d'estas primicias dos martyres christãos.

Subindo-se então alguns degraus, depara-se com uma porta, que dá entrada para a capella da Lapinha, com pavimento de marmore precioso.

Aos lados, estão duas escadas:—uma, que dá serventia para a igreja dos armenios:—outra, que dá serventia para a igreja dos gregos.

No fundo e ao nascente, está o sitio venerando, onde a Virgem Maria dera á luz do mundo a seu Filho, de que a Igreja commemora em 25 de Dezembro o *Nascimento*.

Alli está collocado um marmore alvissimo, contendo cravada no meio uma estrella de prata, com esta legenda em latim:

HIC DE VIRGINE MARIA  
JESUS CHRISTUS NATUS EST

Em 1847, roubaram os gregos esta estrella de prata:—mas em 1852 exigiu da Turquia o govêrno francez, que a substituisse outra estrella em tudo igual.

Hoje, 24 da Dezembro, commemora-se com jubilos e regosijos—e com benções fer-

vorosas de familia—a vespera sacro-santa d'este *Nascimento de Christo*.

A Igreja consagra-lhe o nome antonomastico de NATAL, e venera-o como uma Festividade solemmissima.

Braga. PEREIRA-CALDAS.

### NA QUINTA DE S. THOME, EM CONDEIXA

A qui a rôla	Triste salgueiro,
Beija o esposo	Pundonoroso,
E elle, ditoso,	Desdenha o gozo
Geme d'amor;	Com ar viril;
Pela ramagem	Sê a brisa louca
Os passarinhos	Vem dar-lhe affago,
Tecem os ninhos,	Despresa o vago
Onde vão pôr:	Sonhar d'abril:

Lympha, que passa	Esó, mais tarde,
Pelo balsêdo,	Constante a hera,
Colhe o segredo	Que a primavera
Dos rouxinoes,	Não desvairou,
Vê, gorgeando	Pode a tristeza
Por entre flores,	Do arbusto esquivo
Plumeos cantores;	Dar lenitivo,
Foge depois:	Que elle accitou.

Corre, invejosa,	Vem borboleta
Para o seu rio,	Variegada,
No murmurio	Queda pousada,
Dizendo — amor;	Foge e revem;
Beijos lhe pede	E o arbusto, amigo
Chorão magoado,	Da parasita,
Que despresado,	Vê que é bonita,
Se accurva á dôr.	Mas com desdem.

Vejo nas aves amor — delirio;  
Vejo o martyrio neste chorão;  
E no salgueiro co'a hera amante  
Vejo constante, branda afeição.

Ser d'estas aves, ah!, se eu podera..  
Ou ser com hera salgueiro aqui...  
Mas foi escripto por Deus no empyreo:  
—Só o martyrio te cabe a ti.—

JOSE D'ORNELLAS.

### OS BANHOS ENTRE OS ROMANOS

Reminiscencias da nossa epoca  
balnearia

Quem visita as ruinas de Herculanium e Pompeia, aquelles grandes monumentos d'antiguidade, e a causa de serios estudos

archeologicos», é que está ao facto da grandeza d'aquelles povos, e dos seus publicos banhos, «o modelo do gosto artistico e do bom tom, já n'aquella epoca».

Curvêmos a cabeça perante tanta sublimidade antiga; e regosijemo-nos com o nosso amigo Dr. Pereira Caldas, a quem não esqueceram os estudos sobre antiguidades e até as ruínas de Citania, as quaes vão ser objecto de grande conferencia archeologica, a que assistirão, como tambem diz o insigne Pereira Caldas, *amadores de renome* — e para cuja reunião tambem fomos convidados, pelo que temos grande ufania.

Eram antigamente os banhos o principal passatempo dos romanos: parece que eram amphibios; gozavam dentro d'agoa e fóra d'ella. Assim é que se vive, e com a dignidade, que elles tinham. A prova encontrava-se já em Pompeia. Aquelles vastos recintos para os banhos, quentes e frios; aquelles cheirosos unguentos e varias pomadas, em que entrava a essencia de manjerôna para as sobrancelhas e para os cabellos, a de serpão para a nuca e joelhos, o unguento egypciaco para as faces e peito, etc.; tudo indica luxo e profusão, tudo tinha em vista conservar a saúde e aparentar mocidade! Que grandeza em todas as casas de espera, onde appareciam sumptuosas lampadas, com bellas estatuas, e onde os ricos mosaicos se encontravam, bem como o céu azul abrilhantado com estrelas de ouro!

Quem me dera ser romano d'aquellas epochas, para gozar de tantas regalias, e dos relevos representando combates de gigantes! Tudo isto devia ser muito pittoresco e agradável.

Em Roma, no tempo d'Augusto, havia 56 banhos publicos. Nos banhos de Caracalla podiam juntar-se 3:000 banhistas, havendo alli seiscentos assentos de marmore e de pórfyros. Os banhos de Septimio Severo, situados n'um parque, cobriam o espaço de cem mil pés quadrados, havendo alli salas de toda a especie, gymnasios, e academias, onde os poetas recitavam os seus versos, assim como arenas para os gladiadores, e até theatros.

Quem duvida que o Laocoonte, o Touro e o Hercules Farnacio, que se admiram em Napoles, tambem se encontraram n'aquelles antigos banhos, um dos grandes passatempos dos antigos romanos?

O resumido preço do banho, e as commodidades, tudo convidava áquelle regalo da vida, áquelle benefico banho, tão util

hygienicamente fallando. Quem negará as vantagens dos banhos, principalmente no verão, em que o suor accumulado sobre a pelle pode sêr a causa de graves enfermidades, e quando mesmo este meio geral, balneario, é tão util como temperante e sedante da inervação!

Ao romper da aurora, o sino annunciava a abertura dos banhos. Alli iam os ricos entre o meio dia e o pôr do sol. E os devassos achavam que deviam tomal-o depois do jantar, contra todas as prescripções hygienicas.

As mortes, até já o dizia o grande Juvenal, eram para estes ultimos inevitaveis.

Nero não podia do meio dia até á meia noute deixar de tomar os seus banhos; —quentes no inverno; frios no verão.

E havia já n'esse tempo a decencia devida, quando se tomavam os banhos. O pudor era levado tão longe, que um filho não se banhava com seu pae, nem mesmo na companhia do seu avô! E se isto succedia com os homens, o que teria logar com as mulheres?

Fugir dos tempos, em que homens, mulheres, creanças, e velhos, se encontravam todos reunidos nos banhos publicos. Bem haja o imperador Adriano, que taes defeitos reprimio.

Não admira pois que hoje, mesmo no nosso Portugal, se não esqueça a epoca balnearia; não admira que a convivencia n'esta epoca traga consigo a maior socialidade entre innumeradas familias. Não admira enfim que, além da hygiene do toucador, procure o sexo amavel nas confortaveis associações os mais divertidos passatempos, como já hoje se encontram em quasi todos os pontos d'este paiz, onde existem as agoas salutaes e medicamentosas, que na epoca propria todos os amantes da sua saúde frequentam, e com as appetecidas commodidades.

Quanto gósto de frequentar as praias e mesmo os banhos thermaes, como os das Caldas da Rainha e outros muitos, quando tenho a felicidade de achar uma amavel concorrência, principalmente do admiravel sexo das graças!

Não sou romano, mas gósto dos meses do anno, em que, principalmente em Portugal, mais lembram os banhos, e mais sentem os nossos corações; porque n'aquella epoca a vida é fugaz, e o espirito distrae-se e regozija-se das fainas constantes, a que nos obriga o trabalho intellectual, por certo o menos salutár. Então estamos por

algum tempo livres das nossas continuas cogitações, e parece que rejuvenescemos. Então é que vivemos, porque está nossa consciencia tranquilla: então é que nos não lembra o dia de amanhã, porque n'aquella epoca deixámos a casa, os negocios domesticos e publicos, e apenas nos lembrámos de tratar da nossa saude e de divertir-nos. Deus permitta, que cada vez mais nos lembremos d'aquella epoca balnearia; e ja que não com tanto luxo como entre os romanos, que façamos diligencia ao menos para ser uteis a nós mesmos, e a nossas familias, alem de passarmos por algum tempo isemptos das amarguras d'este mundo de trabalhos.

Não poderêmos chegar, pelo que toca a construcções balnearias ao luxo de Herculanium e Pompeia, antigas cidades, que poderosas lavas vesuviâneas destruíram, e a cujo respeito podêmos fazer muitas considerações, porisso que as visitamos.

Mas ao menos n'este nosso pequeno, mas tão risonho paiz, continuêmos a ter na lembrança a epoca balnearia, como a de maiores diversões que passamos n'esta vida.

Pombal.

DR. LINO DE MACEDO.

E. D'A.

Fallei como um papagaio  
A's grades d'esse convento;  
Agora n'este momento  
Quizêra ser o laçao,

O trintanario, o molleque,  
Que em pausadas etiquetas,  
Atravessando as saletas  
Lhe fôsse entregar o leque.

Mas perdoae-me, senhora;  
O vosso leque rendado  
Tinha o perfume sagrado  
D'essa face encantadora;

E eu, namorado egoista,  
Estive quasi a vendel-o,  
E as tranças do seu cabelo,  
A uma famosa modista.

Enviei-lhe os fios d'oiro  
Do seu cabello ondeado;  
E quiz ter sempre ao meu lado  
O leque, o fino thesoiro...

Dei-lhe as palavras sentidas,  
Que n'um extazis de amôr  
Vossencia fez o favôr  
De escrever (ás escondidas).

Dei-lhe tudo, e esta desgraça  
Conservou-me o rôsto enxuto...  
E' que inda resta um charuto...  
Viva o prazer! viva a taça!...

E aceite um conselho, embora  
De um Romeu extravagante:  
O amôr d'um estudante  
Não dura mais que uma hora.

Porto, 1873.

VICENTE NOVAES.

## ELVIRA

(Conto original)

I

### A REVELAÇÃO

(Continuado do n.º 7)

«De dia era a imagem da baroneza, que se me apresentava na mente exaltada pelo fogo do amor, deslumbrante de belleza, fascinadora e irresistivel. De noite, se voltava os olhos para o ceu e fitava as estrelas que matizavam o firmamento, achava que nenhuma d'ellas era tão encantadora, tinha tantos attractivos como o formoso rosto da joven e delicada baroneza.

As suas fallas repassadas de tanta ternura, os seus olhares tão languidos e os seus nobres sentimentos fizeram amal-a com um amor puro, ardente e verdadeiro. Se ella ordenasse a minha expatriação, seria obedecida; e das longinquas plagas do desterro abençoaria seu nome, bemdiria sua sentença. Se me escarrasse nas faces, eu beijaria seus labios com o mesmo transporte como se elles houvessem proferido palavras lisongeiras para comigo. Se decretasse, emfim, a minha morte, eu acceitaria de suas proprias mãos o punhal, e rasgaria uma por uma todas as fibras de meu coração. A vida sem o amor d'aquelle anjo de bondade de nada me serviria.

De dia para dia sentia que as palpitações de meu coração eram mais vehementes; não podia por mais tempo calar aquelle amor, sustentado apenas por uma vaga esperanza.

Declarei a minha louca paixão ao mor-domo da baroneza, que era um antigo

amigo meu, e a sua resposta, ao contrario do que eu esperava, foi a seguinte: «Pro-siga, meu amigo; declare o seu amor á baroneza, sem receio de ser por ella escarneado. A baroneza é mulher caritativa e extremamente sensivel e compadece-se de todos os infelizes. Uma d'essas desgraças que ninguem pôde prevêr, trouxe-o a esta casa. O seu bom comportamento e a sympathia que segundo me parece inspirou á baroneza, talvez o façam menos indifferente aos olhos d'ella, do que o meu amigo julga ser. Falle-lhe... declare-lhe o seu amor... e pode ser que os seus sentimentos encontrem ecco no coração d'aquella santa mulher». E o mordomo retirou-se, deixando-me a sós n'um mar de confusões. Meditei profundamente; e ao principio julguei tudo aquillo um motejo; mas depois, pensando bem na seriedade do mordomo, acreditei as suas palavras como uma verdade.

O rocio do amor orvalhava copiosamente a corolla perfumada das viçosas flores de meu coração.

Decidi confessar a minha paixão á baroneza; e no intuito de o fazer, aguardava anciosamente a sua vinda. Muitas vezes veio ella sentar-se á cabeceira do meu leito; alli, a sós, sem receber ser ouvido por outra pessoa a não ser a baroneza, podia declarar-lhe o meu amor; mas nunca o fiz, porque o seu magestoso porte me aniquilava todas as minhas tenções.

Amava-a, mas junto d'ella não tinha animo para lhe confessar a minha fortissima paixão!

[Continúa]

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS

## MYSTERIO!

(A João Luiz Correia Junior, em testemunho de respeitosa amizade)

### I

Tu já tens visto duas aves gêmeas cortando o ar em direcção opposta, —uma que busca a região das nuvens, —outra que busca o barrocal da encosta?—

Assim no imo de minh' alma, em lucta ha dois principios: — Um a luz adora, —o outro accorda, quando o treva é densa, e fecha as azas, quando nasce a aurora.

### II

E eu sinto-me tão bem, — se o dia é lindo,  
e o ceo é todo azul;  
e o espirito de Deus passa na aragem;  
e não bole uma folha da ramagem  
exposta ao vento sul!

E eu sinto-me tão bem, — se a primavera  
sorri ao prado em flor;  
e os passarinhos chilram pelas franças,  
um thema festivo d'esperanças,  
uns poemas d'amor!

E eu sinto-me tão bem, — se ao desditoso  
posso estender a mão;  
se, desterrando ideias vis, espurias,  
um inimigo que cuspiu-me injurias  
apêrto ao coração!

### III

E eu sinto-me tão bem, — quando escurenta  
a noite veste a negridão do averno;  
e troa perto o ronco da tormenta,  
que desce os montes onde ha gelo eterno,  
e de rijo batendo as grandes azas  
assola campos, e derruba casas!

E eu sinto-me tão bem, — quando nos ares  
rôla o trovão, e o raio côrta o espaço;  
e eu sei que la, na solidão dos mares,  
um nauta, um meu irmão, cede ao cançasso  
de briga inutil com o monstro informe,  
que o tritura sem dó na fauce enorme!...

### IV

Quem deslinda o mysterio? ! Em minha alma  
ha dois principios: — Um a luz adora,  
—o outro accorda, quando a treva é densa,  
e fecha as azas, quando nasce a aurora...

Braga.

DIAS FREITAS.

## EXPEDIENTE

Ao communicado do sr. Marianno Rocha, publicado no *Commercio do Porto*, n.º 306, está dada resposta na *Regeneração*, n.º 196.

Por falta d'espaco não publicamos a secção consagrada ás publicações recebidas.

Prevenimos os nossos illustres assignantes, que se dignem continuar a dispensar-nos a sua cooperação, para que assim nol-o communiquem até ao dia 2 do proximo janeiro.